

Mountain

voices

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXIV | #143 | mai/jun 2015



Escalada
Alagoas

Montanhismo
Serra Dourada

Indoor
A Evolução da Escalada Feminina

SEGUNDA PELE CURTLO

CONFORTO TÉRMICO, AONDE VOCÊ FOR!

ThermoSense Performance Inodorável
ThermoSkin Proteção UV 50+
ThermoPlus Flexibilidade

ANTI-ODOR **COSTURAS PLANAS** **EASY CARE E ECO FRIENDLY**

DISPERSÃO DO SUOR **EQUILÍBRIO TÉRMICO**

PROTEÇÃO UV 50+ **TOQUE SUAVE E AGRADÁVEL** **FLEXIBILIDADE**

Blusa Zip ThermoPlus (masc. e fem.)
T-Shirt ThermoSkin (masc. fem. e infantil)
T-Shirt ThermoSense (masc. e fem.)

Acesse www.curtlo.com.br e confira outros modelos e cores da nossa coleção de segunda pele.

#VidaAoArLivre

Internacional

ALESSANDRA ARRIADA | RS

Cães em locais de escalada ou praia sempre me causaram um contraditório sentimento de estar certa mas ninguém concorda comigo. Mas sem entrar em opiniões subjetivas, mesmo sendo veterinária, observo em outros países uma maior harmonia no convívio com os bichos. Pra mim, é muito normal e sanitariamente inofensivo, um cão devidamente bem cuidado, desparasitado e sem pulgas, correr pela areia e em seguida tomar um banho de mar comigo, não vejo problema nenhum. Me agrada inclusive, os animais soltos, pelas ruas e praças, sem brigas, já acostumados entre eles e aprazíveis com as pessoas, como já vi em diversos lugares. Mas na montanha a discussão é mais acirrada ainda. Os grupos se dividem, os ânimos se exaltam, cada um com um ponto de vista e nenhum respeito entre as partes. Se os próprios cachorros discutissem entre si talvez já estaria resolvido. Uns alegam a proteção à fauna e flora local, muitas vezes preservada (?). Outros o incômodo aos outros escaladores, mas eu me pergunto então sobre as crianças, sem demagogia, amo crianças, mas elas incomodam alguns, parece radical, mas é uma verdade, o direito de um vai até o direito de não ser incomodado do outro. Outra situação é levar cães em propriedades particulares de escalada. O nome já diz, a propriedade é particular, se o dono te diz que você não pode usar roupa vermelha, deixar a porteira aberta, levar cachorro ou passarinho, bem são as

regras do lugar e são indiscutíveis, não se deve levar e pronto. O bom senso, na minha opinião, deve imperar em todos locais e situações. Mas proibir uma prática em um local público só porque te desagrada é no mínimo egoísmo. Mas alheio a todas essas discussões está Dean Potter e Whisper. Whisper é uma mini Australian Cattle Dog, de 5 anos, nascida em Oklahoma, e considerada a Top Dog pela rede social Instagram além de uma notória e admirável publicidade mesmo em ambientes além montanha. Além de escaladora, Whisper é base jumper, já tendo escalado em Yosemite e surfado em alguns picos da Califórnia e praticado alguns highlines na Costa Oeste dos Estados Unidos. Dean Potter é patrocinado pela Adidas, entre outras marcas, conhecido escalador e praticante de WingSuit e Base Jump e está mais famoso ainda por ter estreitado e inspirado milhares com essa amizade única e canina. Sair para um mundo outdoor e mostrar como todos somos capazes de ousar e experimentar fez resurgir um Dean Potter de 1980 para o cenário da escalada, além do Base Jump, claro. Ele conta que saía todos os dias para esta prática e tinha muito pena de deixar Whisper só em casa. Então confeccionou uma bolsa específica e segura para levá-la e depois de alguns testes com um urso de pelúcia dela percebeu que o que Whisper menos queria era estar em solo firme e seguro. Ela também gosta de

velocidade, ele admite. Moto, bicicleta e wingsuit são os favoritos, apesar que escalar também vêm se tornando cada vez mais emocionante pra ela. Muitos criticaram sua postura e suas atitudes. Acusaram de obrigar o cão a saltar ou a caminhar demasiado ou mesmo surfar. Mas somente quem tem um Australian entende outro Australian. Eles são extremamente ativos e companheiros, além de verdadeiras sombras e sentinelas ao dono. E se sentem completamente satisfeitos em proteger, cuidar e acompanhar seus fiéis amigos, são o verdadeiro significado de lealdade. Dean afirma que constantemente Whisper avisa de algum ruído ou barulho em acampamentos e lugares inóspitos, deixando toda viagem mais tranquila e segura. Whisper já escalou El Cap e Half Dome, dormia em pequenas cavernas e permanecia confortável em haul bags. Ela também possui um arneses específico que a mantém segura e sem problemas para escalar. Para voar, Potter adaptou um lugar especial em suas costas entre o paraquedas e ele, como um sanduíche, mas que ela pode mexer sua cabeça e patas. Mas se você observar no vídeo, ele diz, ela não se move muito, apenas observa atentamente e tranquilamente, com a língua de fora, assim como faz na bicicleta ou no carro. A namorada de Potter Jen compartilha da mesma animosidade de inserir Whisper em suas atividades diárias e diz que acha normal, já que ela sempre se demonstrou animada e companheira do

marido nas suas rotinas. Whisper somente não gosta de helicópteros. Ouvir e entender seus gostos e desgostos parece ser a especialidade deles, atentos e amorosos a seu cão, como somente quem gosta de cães sabe fazê-los. Uma polêmica e tanto para alguns, um grande exemplo de total interação e bem viver para outros. O escalador em sua maioria é um indivíduo capaz de interagir com outros seres e ambientes da maneira mais harmônica e essencial possível. Caminhamos sobre as montanhas, observamos animais, árvores, vegetações incríveis, nos admiramos com toda uma dinâmica ambiental lindíssima, dormimos ao ar livre, nos nutrimos da água e do verde lá fora, olhamos as estrelas e sentimos frio. Mas muitas vezes não somos capazes de respeitarmos ou convivermos com seres de outra espécie ou nem mesmo da mesma espécie. Dean Potter, com sua carreira indiscutível e indelével na escalada, nos deixa um motivo de reflexão e de inspiração. Deixai viver, deixai passar. Sempre há um jeito, sempre há uma maneira de tornar a existência mais amorosa e fácil. A amizade, mesmo e principalmente de um cão, nos amolece e nos aproxima de um SER ou de um TODO maior. Da mesma maneira que as montanhas nos aproximam. Valorizar e entender cada momento desse é o desafio. Parabéns Whisper. Go Rock, girl!

Novas companhias novas viagens

Transglobe
Para uso como mochila ou mala de mão. Bolso frontal destacável virando mochila de ataque. Capa de chuva e armação embutida. Tecido de alta resistência.

Trilhas Orbi
Bolsa de viagem com rodinhas, alça telescópica e um dos compartimentos em estrutura rígida. Super reforçada. Possui pontos refletivos.

Trilhas Pilatt
Para pequenas viagens e dia a dia. Super reforçada. Três bolsos externos, grande espaço interno, fundo rígido e pontos refletivos.

www.trilhaserumos.com.br
R. Fernando Luz Filho, 112 - Meudon - Teresopolis - RJ - (21) 2742-9652 - Fax: (21) 2742-5781

Vestuário
Mochilas
Sacos de dormir
Acessórios

SUA EXPERIÊNCIA É ÚNICA

SOLO
VISTA SUA LIBERDADE

Bonecas para que?



Texto: André Berezoski
Imagens: Felipe Villegas

Esta seria mais uma coluna falando sobre o impressionante 8º Master Bouldering, patrocinado pela The North Face e realizado em Santiago do Chile. Mas a presença e desempenho de um número significativo de "Pré-adolescentes" com uma garra e energia interminável, roubou a cena de quem nunca havia presenciado meninas entre 12 e 13 anos se destacarem tão absurdamente perante as favoritas e experientes competidoras de carteirinha, e como se isso não bastasse, nos últimos dias a americana Ashima Shiraishi, de 13 anos, encadena vias duríssimas que até para o mais alto escalão mundial (homens) são consideradas ultra hard, colocando-a no nível mais alto da escalada mundial.

A escalada pode ser considerada um dos poucos esportes mundiais em que a diferença entre homens e mulheres não é mais tão distante, ou até mesmo similar em nível de performance, e com a escalada em ascensão, a evolução feminina vem acompanhada de uma legião de escaladoras ultra motivadas, escalando muito em rocha ou lotando ginásios e centros de treinamentos por todos os cantos do mundo e evoluindo de forma avassaladora.

Uma vez que meninas e mulheres escalam naturalmente com muito mais técnica, leveza e eficiência, nada mais jus-

to que tenham seu merecido espaço.

Mas voltando aos incríveis feitos femininos ultimamente, que nos fazem perguntar? O que comem? O que treinam? As bonecas que brincaram usavam sapatilhas e magnésio? Esta nova geração mutante da escalada feminina, ao invés de casinhas, brincam em paredes de escalada?

É fato que muitas entre vários talentos que aparecem, se destacam, acabam desaparecendo ou param de escalar, mas, ainda assim, as que se destacam têm realizado verdadeiras façanhas que

alguns anos atrás seriam difícil até de colocar em pauta e que deixam a comunidade mundial boquiaberta.

A escalada feminina está em alta, grupos se organizam para saídas em rocha com as já famosas "invasões femininas" em vários estados e festivais como o Cocalcinhas, mulheres conquistando vias e boulders, trabalhando como route setters, clínicas de escalada só para mulheres provam esta constante evolução.

E utilizando a competição no Chile como exemplo, a área de isolamento estava repleta de uma faixa etária

até então só vista em competições ou festivais juvenis, uma atmosfera com uma energia tão grande que elas não conseguiam ficarem paradas, botes duplos, session de Boulder voraz, flexões, barras e brincadeiras infantis mascaravam a incrível habilidade destas meninas na hora da verdade competindo, um verdadeiro show de escalada para quem tem tão pouca experiência neste circuito. Sara Aylwin, escaladora chilena de longa data, participou competindo com sua própria filha, e todas disfrutando ao máximo. A delegação brasileira deu um show de presença, record

absoluto nesta competição, 5 competidoras.

Mas o que ficou claro foi a supremacia da juventude feminina neste evento, das 6 finalistas, 4 tinham 13 anos ou menos. A argentina Valentina Aguado levou o primeiro lugar dando uma verdadeira aula de competição, uma atleta que começou a escalar há apenas 3 anos e já dominou as 3 últimas edições das competições da North Face, obviamente temos aí uma menina que já praticava outros esportes competindo e que seu porte físico apesar de ser a menor de todas, demonstra um biotipo já lapidado e bem treinado para atividades físicas, o que não é razão absoluta para se vencer uma competição, pois as outras meninas possuem um porte super leve e escalaram tão bem quanto, mas na competição ganha quem erra menos, fato.

Todos estes exemplos são o resultado de vários fatores, o estímulo não forçado, mas completamente assistido, encorajado e com suporte total

dos pais é o primeiro passo. Depois temos infraestrutura de ponta com paredes, treinadores e patrocinadores, o fator parâmetro é outro que se destaca, uma vez que onde exista um grupo que treina e compete junto, uma puxa a outra em relação ao desempenho, e a questão genética também é algo que influencia diretamente. Mas independente disso tudo o que mais manda é a incrível motivação que tem levado estas meninas a níveis superiores. E por aqui? Em nossas terras de lindos coqueiros e praias? O que temos feito para acompanhar estas mutantes que surgem a cada instante? Hoje temos uma geração de excelentes competidoras, que provam que são de ponta dentro das competições sul-americanas, mas e quando as mesmas se retirarem das provas? Qual a geração substituta que vem a seguir no feminino? Este é um fator a ser amplamente explorado. Temos exemplos desta preocupação com Anderson

Gouveia em Curitiba formando, realizando e levando jovens escaladores a diversas competições, inclusive internacionais; Dimitri Pereira, implantando há vários anos paredes de escalada nas escolas, colocando como atividade curricular e revelando grandes campeões; projetos sociais em vários locais como em São Bento do Sapucaí, Igatú, Araxá, Itamonte, entre outros estados têm revelado e podem descobrir excelentes talentos.

A grande questão é mantê-los motivados, treinando e com o devido suporte para que não abandonem a escalada tão facilmente.

Independente de competição ou rocha é muito gratificante notar como a escalada feminina tem se manifestado e evoluído, afinal de contas, nada melhor que escalar em um ambiente mais florido, cheio de graça e beleza em uma escalada exemplar.

André Belê: apoiado Conquista Montanhismo, 5.10 e 4Climb.

14 anos dedicados a oferecer o melhor para sua aventura.

www.penatrilha.com.br


Rua Apeninos 803 São Paulo SP
11 3562 1801

2ª Semana Brasileira de Montanhismo

1º a 3 de Maio de 2015
Urca, Rio de Janeiro

RIO NAS MONTANHAS

450 ANOS DE HISTÓRIA

Cine Montanha na Praça
Campeonato Brasileiro de Boulder

28ª Abertura da Temporada de Montanhismo
3º Congresso Brasileiro de Montanhismo e Escalada

Workshops e Oficinas de Segurança
Palestras e Montanhismo Social

Patrocínio: 

Apoio: 

Divulgação: 

Apoio Institucional: 

Realização: 

Mais informações: www.rionasmontanhas.com.br



Em 2013, a Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada (CBME) tomou a dura decisão de se desfiliar, temporariamente, do IFSC. A carta enviada ao IFSC explica com detalhes o histórico e os motivos que levaram a CBME a tomar essa decisão, mas em um resumo, os três motivos principais são: (a) o alto custo da anuidade para o padrão de arrecadação da CBME, (b) a ausência de campeonatos regionais pelo Brasil e campeonatos brasileiros em 2013, e (c) a necessidade de uma reestruturação interna, com a dedicação à melhoria dos campeonatos nacionais e regionais antes de um retorno ao cenário internacional.

Após essa decisão, em dezembro de 2013, ocorreu uma reunião em São Bento de Sapucaí com mais de 20 pessoas, entre dirigentes de federações, CBME, atletas competidores, donos de ginásios de escalada, pessoas envolvidas com campeonatos, entre outras. O objetivo foi traçar os passos necessários para a reestruturação do cenário de competições no Brasil. Considerando as definições dessa reunião a CBME, a CBME instituiu o Comitê de Escaladas de Competição, que seria responsável pela organização das etapas e estaria na liderança da reestruturação dos campeonatos nacionais. Além disso, a CBME prosseguiu com o cadastro no Ministério dos Esportes e com o planejamento do Campeonato Brasileiro 2014. Porém, as opiniões e expectativas dos participan-

tes do Comitê se apresentaram significativamente divergentes e, com isso, surgiu o movimento de formação da ABEE – Associação Brasileira de Escalada Esportiva. A CBME reconhece que entidades de foco específico funcionam em harmonia em alguns cenários, como no caso dos Estados Unidos, onde há uma entidade de acesso (Access Fund), de competições (Climbing USA), clube (American Alpine Club) e muitas outras. Porém, no caso da realidade brasileira, a separação do montanhismo e da escalada de competição em duas entidades, sob o ponto de vista da CBME, é prejudicial. No Brasil, há poucos recursos financeiros disponíveis no mercado, poucos atletas e montanhistas associados e poucas pessoas trabalhando voluntariamente na organização do esporte. Assim,

entendemos que o esporte se beneficia pela concentração dos esforços em uma entidade única, somando as atuações dos dirigentes e pessoas na organização e administração do esporte, bem como os números de associados, ganhando, com isso, maior representatividade perante os diferentes atores da sociedade. Com a formalização da ABEE, surgiu a necessidade de mais uma reunião sobre o tema competições com o intuito de alinhar as expectativas das duas instituições, ABEE e CBME, e entender melhor como seria o novo cenário de competições. Assim, os dirigentes das duas instituições se reuniram no dia 17/05/14 novamente em São Bento do Sapucaí, SP. Nesse momento, ficou o entendimento

de que ambas entidades farão seu trabalho de acordo com seus estatutos e objetivos; o que inclui a realização de campeonatos por ambas entidades. Apesar da CBME não considerar esse cenário como ideal, entende também que é uma realidade que já existe e funciona em diferentes esportes no Brasil (Jiu Jitsu, Boxe, entre outros). Nesse caso, os ranking dos campeonatos devem ser separados e cada entidade fica responsável por seus regulamentos, exigências e organização. Desde a desfiliação do IFSC, a CBME vem empreendendo esforços para estimular o cenário de competições a nível nacional. Nos dias 26 e 27 de abril de 2014, a Federação de Esportes de Montanha do Estado do Rio de Janeiro (FEMERJ) orga-

nizou a etapa única do Campeonato Brasileiro de Boulder sob a chancela da CBME. Esta etapa foi anunciada com 30 dias de antecedência, conforme havia sido acordado com atletas na reunião de dezembro de 2013 em São Bento de Sapucaí. Nessa parceria entre a CBME e a FEMERJ, essa primeira etapa foi, em parte, subsidiada pela FEMERJ para poder permitir a volta dos campeonatos brasileiros. Essa etapa marcou o nosso compromisso para com as decisões tomadas na reunião de dezembro de 2013, e foi o primeiro passo na reestruturação dos campeonatos internos. Também em 2014, a situação da CBME no Ministério dos Esportes foi regularizada e os campeões dessa etapa supracitada podem solicitar Bolsa Atleta. Para 2015, a CBME continua estabelecendo o caminho para a melhoria do cenário de competições e já anunciou, com quase 3 meses de antecedência, uma etapa de Boulder a ser realizada no maior muro externo do Brasil durante a 2ª Semana Brasileira de Montanhismo - Rio nas Mon-

tanhas: 450 anos de história. Outros aspectos de organização de campeonatos estão sendo desenvolvidos para que o Brasil trilhe um caminho de profissionalização nesse campo e que os campeonatos sejam cada vez mais bem organizados. Também para esse ano está prevista a estruturação das categorias de Route Setter, com cursos sendo oferecidos para capacitação de novos Route Setters e um sistema de homologação pela CBME. Por fim, é importante ressaltar que a construção de um cenário favorável à escalada de competição no Brasil depende de muitos atores: (a) a CBME chanceando as etapas, (b) os organizadores, como federações e ginásios de escalada, oferecendo as etapas, (c) os atletas treinando, se inscrevendo e competindo nas etapas, (d) a indústria da escalada apoiando, patrocinando e divulgando as etapas e atletas. Quem ganha é a Escalada Brasileira. CBME



OUTLET & BRECHÓ
Camping Montanhismo Escalada Vestuário ... e muito mais

- Reduzir • Reparar • Reutilizar •
- Reciclar • Reimaginar •

A única do gênero no Brasil!
www.armazemaventura.com.br

Mais que uma loja de equipamentos outdoor



NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA

- Ambiente descontraído
- Assistência personalizada
- Suporte técnico
- As melhores marcas





e-commerce: www.bivak.com.br
11 2308 6995
Rua Caramuru, 523
Metró Praça da Árvore, São Paulo



Que tal fazer o Test Drive de uma Deuter? Cadastre-se!

Faça sua inscrição pelo link ao lado. Se preferir, use a câmera do seu smartphone para ler o código QR Code.

Boa Sorte!

bit.ly/DeuterTestDriveMV



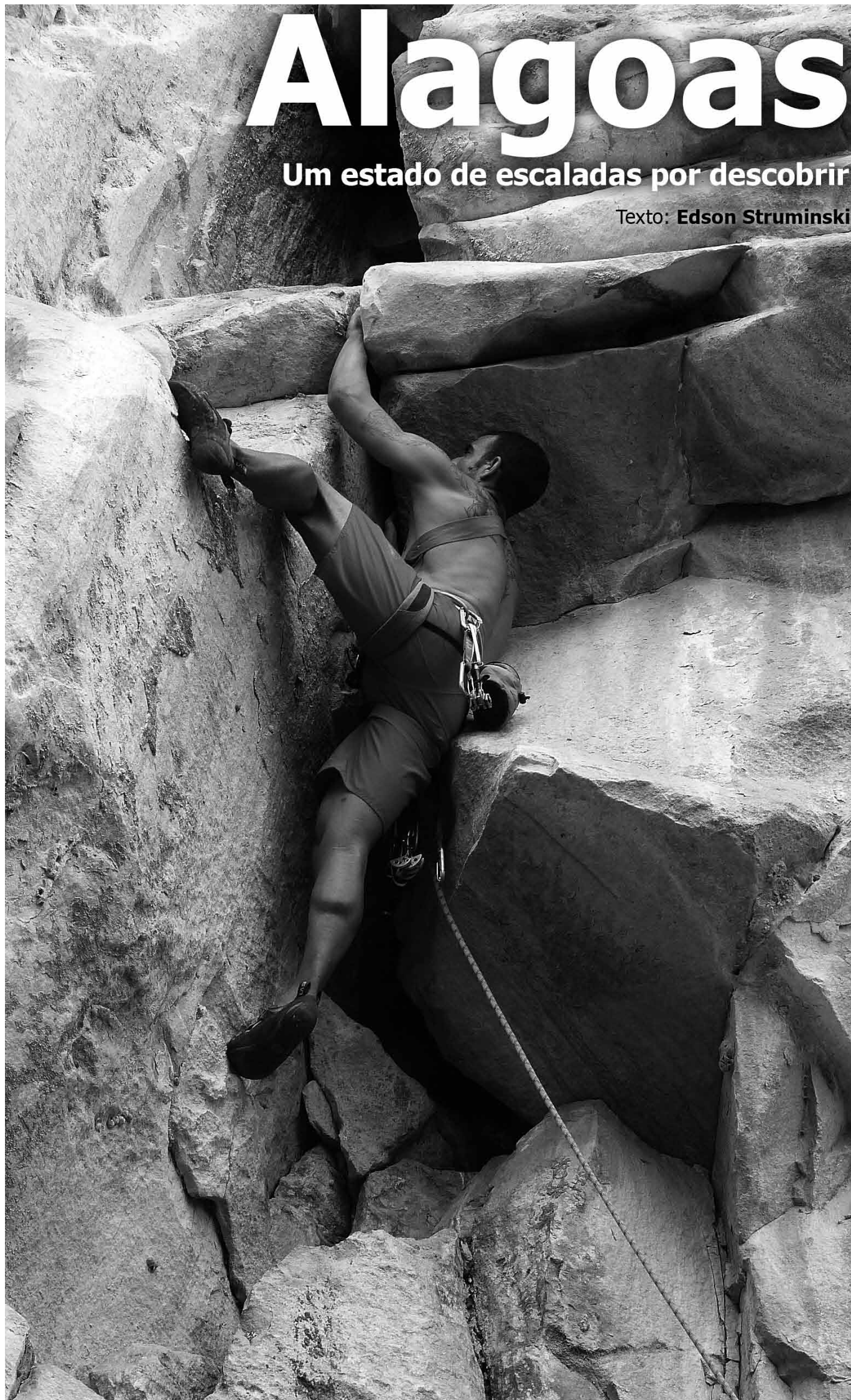

sac@deuter.com.br
www.deuter.com.br



Alagoas

Um estado de escaladas por descobrir

Texto: **Edson Struminski**



Minhas primeiras andanças pelo Nordeste do Brasil aconteceram no início da década de 1980. Em 1981, recém formado em um curso técnico no Paraná, eu trabalhei por um ano embarcado em plataformas marítimas de exploração de petróleo no Rio Grande do Norte, em um regime “semiaberto”, ou seja, ficava embarcado durante 15 dias, cheirando a fumaça de óleo diesel dos motores da sonda de exploração e nos outros 15 dias eu sumia do mundo sem muito paradeiro, tentando me despoluir e, talvez, fazer um contraponto para o deprimente e perigoso mundo do trabalho a que eu estava exposto naquele momento.

Eu havia começado a escalar em 1979, em uma época em que tudo era tão tosco e primitivo, que fazíamos ou improvisávamos os próprios equipamentos, como calçados e acessórios de escalada, roupas produzidas (e remendadas) em casa, material de acampamento, entre outras bugangas que carregávamos em mochilas desconfortáveis. Então, na verdade, sem equipamentos adequados ou experiência, eu não estava de forma alguma preparado para explorar qualquer região montanhosa no Nordeste ou em qualquer lugar, a não ser que corresse riscos que eu sequer poderia avaliar naquele momento. Talvez por conta do desconhecimento destes riscos é que eu tenha visitado alguma coisa na época.

Na verdade o próprio turismo no Nordeste, então, praticamente só caranguejava no litoral. Não existia ainda, ou era incipiente a ideia de ecoturismo ou de um turismo voltado para as belezas do interior nordestino (quanto mais para visitantes de montanhas), então os passeios que eu fiz seguiram o mesmo padrão de improvisação reservado aos andarilhos: para chegar nos lugares, lentos ônibus de linha, caronas ou longas caminhadas à pé; para dormir, hotéis de rodoviárias, casas de moradores ou uma rede no meio de árvores. Nas montanhas, quando finalmente chegava em alguma, sobrava alguma subida arriscada em gretas entre as paredes ou uma rampa vagamente “escalável”, de grau de dificuldade indefinida. Naquele momento, todo aquele desconforto e improvisação me parecia aceitável e pertinente a um certo “espírito aventureiro”, que eu sempre acreditei que todo montanhista, supostamente, deveria cultivar, até porque isto condizia também com o desprendimento da minha juventude. Com isto subi algumas montanhas no município de Serrinha, interior da Bahia e na Serra de Itabaiana, em Sergipe, além de andanças no Rio Grande do Norte e de fugas mais proveitosas para o Rio de Janeiro e Paraná, onde realmente podia matar minha vontade de escalar.

Passariam muitos anos até eu voltar novamente ao Nordeste, em 2008, desta vez ao Maranhão, onde fiz uma viagem certamente pouco conhecida dos brasileiros que é a travessia de trem entre o porto de São Luis, capital do Estado até a cidade de Parauapebas, no sudeste do Pará, onde fui trabalhar em um levantamento de vegetação na Serra de Carajás.

Ocasionalmente, estas viagens ao Nordeste (e ao Norte) me deram sempre uma sensação de que a região era muito vasta e que valia a pena explorar mais, conhecer mais. Esta sensação era reforçada pela visão de muitos “inselbergs”, afloramentos rochosos que pareciam miragens, quando vistas da janela de algum avião e presentes no sertão nordestino. Hoje, naturalmente, o montanhismo e a escalada estão bastante desenvolvidos no Nordeste, algo que uma simples busca na internet permite constatar. Alguns estados como Bahia, Pernambuco e Ceará já ostentam dezenas de vias em diversos lugares. O esporte está institucionalizado na forma de clubes, sites de informação com guias de escaladas e um encontro importante acontece anualmente, o Encontro dos Escaladores do Nordeste. Mas o Nordeste é uma região muito grande e mesmo com vários grupos de escaladores espalhados nos lugares mais diversos, ainda há muito o que se descobrir e escalar, então aproveito o momento que estou em Alagoas para retomar minhas andanças e minha busca pelas pedras nordestinas.

A capital Maceió oferece uma bela orla pra quem gosta de pedalar, skatear, caminhar, ou simplesmente ver o mar, mas a escalada em rocha é um esporte desconhecido e para manter a força dos dedos acabo apelando para a criatividade: escalo em estruturas urbanas, como muros de arrimo construídos para conter a força do mar ou alguma construção abandonada. Estes muros horizontais, construídos com o duro gnaiss do interior do estado me permitem exercitar os braços, pernas e principalmente os dedos, por conta de agarras do tamanho de caixas de giletés.

O potencial da zona da mata alagoana para a escalada

Os muros me ajudam a manter a forma, algo importante para alguém como eu que já passou dos 50 anos, mas para ver alguma coisa menos artificial em Alagoas, é preciso rodar alguns quilômetros. Depois de vasculhar em sites que vão do turismo à geologia de Alagoas, acabo pinçando informações interessantes. Descubro a uns 80 km da capital, dentro da devastadíssima Zona da Mata, antiga morada da exuberante Floresta Atlântica (praticamente toda ela transformada em um mar de canaviais hoje), no município de Marimbondo, a origem do gnaiss dos muros da praia. São vários morros desta rocha, muitos cobertos por uma vegetação remanescente, mas onde, vez por outra, afloram paredões bonitos e convidativos. É uma região que sofre com a extração irregular de pedras e que já deixou marcas indelévels nos morros da região.

Vou até onde o pequeno carro que aluguei consegue chegar e depois caminho, sempre na expectativa de encontrar algum morador a quem eu possa pedir “licença” para este tipo de passeio, mas meus esforços são em vão: cercas, porteiros, cadeados, indicam a presença de gente, mas sempre de um modo vago e distante. Encontro várias pedras, boul-

deres que experimento, paredes de tamanho pequeno e médio, com potencial para escaladas em chapas ou em móvel, mas nenhum sinal de vida relacionado a vias de escalada.

Um escalador que esteve em Alagoas me indica Joaquim Gomes, outro município desta região repleto de pedras em meio a canaviais e pastos. A própria sede urbana deste pequeno município está encostada próxima destes grandes inselbergs. Deixo o carro nas proximidades de um conjunto habitacional sinistramente abandonado que enfeia a paisagem, converso com alguns moradores e vou em direção a uma parede ampla, que mostra linhas possíveis de escalar. Contrastando com o pasto sobre e com a vegetação devastada do pé do morro, na parede aparecem grandes tufo de orquídeas e bromélias em flor, uma beleza surpreendente e biodiversa que contrasta com a monotonia da paisagem que até então eu tinha atravessado. A subida exhibe lances que variam de segundo a quarto grau, nada muito complicado, portanto, mas é uma escalada de uns 80 a 100 metros, que eu tanto tenho que subir como descer, sem cair. Mais tarde exploro a vastidão horizontal da parede, que mostra potencial para comportar algumas dezenas de vias, de vários graus de dificuldade.

No agreste alagoano

Apesar de bem sucedido nesta investida, não é exatamente escalada solo o que eu procuro para fazer em Alagoas. Depois de contatar um grupo de Sergipe (Escalacaju), peguei a indicação de Samuel Andrade, um camarada que vive em um município no agreste alagoano, Santana do Ipanema, na fronteira nordeste de Alagoas com Pernambuco e a umas 3 a 4 horas de Maceió. Samuel está na casa dos 30 anos e começou a “escalar a sério” como ele diz, em 2010. Em Santana ele abriu vias com um parceiro, Renato Rodrigues, já falecido e hoje segue como pioneiro e mentor da escalada em rocha neste município, com todos os ônus e bônus que isto representa: abrir vias, ensinar novatos, manter trilhas e locais de escalada, dialogar com os proprietários dos lugares, conviver com pessoas que frequentam os mesmos ambientes e que nem sempre irão entender o sentido deste esporte no local, enfim, uma tarefa que muitos desempenham pelo país afora e que fazem com que o esporte se alargue. Em feriado o barulhento do carnaval teve um punhado de dias que permitiu que eu fizesse a viagem até Santana do Ipanema, junto com Tui, meu filho mais novo.

A viagem é didática. Saindo do litoral maravilha e atravessando a Zona da Mata, aparece uma outra Alagoas. O clima é seco e esturricante. A água se torna rara. A vegetação se transforma em ressequida e baixa. Mas a estrada, de dia, está em bom estado e chega a ser cruel atravessar uma região tão árida como esta em um automóvel moderno, quando se compara o nosso conforto com as vidas secas das pessoas que vivem ou viveram nesta região: retirantes, cangaceiros, sertanejos, que tem estórias, aliás, já contadas por um ilustre alagoano, Graciliano Ramos. Depois de atravessarmos o agreste e de uma noite imprestável por conta do

som alto carnavalesco nas vizinhanças da pousada em Santana, acabamos indo pra Serra da Camonga como quem busca um refúgio para os ouvidos. Felizmente, por lá, a única coisa a se preocupar era com subir paredes.

O Camonga é um belo morro testemunho de arenito colorido com paredes que chegam a 60 m. Samuel nos apresenta um belo conjunto de escaladas que está aos poucos chapeleteando junto com alguns poucos companheiros, quando consegue algum no sertão alagoano, como Yuri, que tem 17 anos e mora em outra cidade vizinha. Este setor ainda está em pleno desenvolvimento e Samuel me explicou que algumas vias são mistas, com proteções fixas e móveis e em algumas ele acredita ser possível eliminar chapas com algum equipamento móvel adequado. Aproveitei, então, que estava com algumas peças e fui escalando com elas para testar esta hipótese, que se revelou verdadeira. Samuel me deu inclusive o privilégio da primeira guiada de uma via inteira em móvel que apenas tinha sido feita com corda de cima. Aos poucos o material foi rodando de mãos e para mim ficou marcado o olhar de alegria e encantamento dos rapazes ao ter a chance de usar aquele punhado de equipamentos nas vias.

A perspectiva para este lugar é bem interessante, pois em 2016 poderá sediar uma edição do Encontro de Escaladores do Nordeste, o que representa um sonho importante para ser mantido por pessoas que, como eles, moram longe do badalado e por vezes pedante, circuito principal do montanhismo brasileiro, no sul e sudeste do país, mas que mesmo assim, são apaixonados por pedra. Assim, a melhor alternativa me parece ser apoiar esta rapaziada para que possam seguir escalando com segurança e abrindo vias novas com qualidade crescente. Curiosamente a presença de sulistas no morro parece ter estimulado São Pedro a mandar uma chuva leve e tempo fresco para o lugar. Algo que aliviou o calor do passeio. Depois de algum tempo, meu filho Tui, que estava roncando encostado em uma pedra, ressurge e se anima com a máquina fotográfica e depois com os tênis de escalada, tratando de se encaixar em alguma via.

Ao final, acabamos o dia no cume da pedra e depois descemos para a cidade para uma pizzada. No dia seguinte seguimos caminho para uma segunda etapa deste passeio, felizes em termos sido bem recebidos e pelas horas compartilhadas com os novos amigos.

O velho Chico

No dia seguinte saímos em direção a Delmiro Gouveia, município que fica na divisa sudoeste de Alagoas com a Bahia. Atravessamos uma paisagem com vários morros e afloramentos de rocha em meio à aridez da caatinga, o que explicita mais ainda o potencial para a escalada em rocha na região. Porém, o que chama mais atenção é o número de vilarejos e localidades com nomes relacionados à água, como Olho d’água do Casado, Olho d’água das Flores, Poço da Pedra, que claramente marcam lugares onde este líquido precioso pode ser encontrado. Como um modo de nos lembrar da dura existência em meio a estas vidas secas, lá pelas tantas damos carona a um morador desta região que parece saído de um

livro de Graciliano Ramos. Segundo ele, para chegar à água, percorria todo dia “meia légua” (algo como três quilômetros). Em contraste com esta secura, lá está o rio São Francisco com sua imensidão que vem desde Minas Gerais e divide Alagoas de Sergipe e da Bahia, até chegar ao mar. Em Delmiro Gouveia, Samuel nos passou um roteiro para chegar a um local chamado “Show da Natureza”, que fica na beira do rio.

O tal Show da Natureza é, na verdade, um grande restaurante e um atracado para barcos dos mais diversos tipos, desde pranchas e canoas a remos a enormes catamarãs, passando por jet skis, barcos a motor e assustadoras lanchas velozes, movidas a gasolina e muito álcool, todos fazendo algum tipo de roteiro nos cânions do rio. É um movimento alucinante, pois, por conta do feriadão, o lugar está cheio de carros, turistas, bebidas, lixo e, é claro, de adeptos da Brega Music, o padrão musical do carnaval de 2015, que já nos havia tirado o sono dias antes.

Quando conseguimos nos afastar um pouco do movimentão e do barulho, se torna possível apreciar um pouquinho grandiosidade do canion. O rio mostra água suficientemente limpa pra vez ou outra vemos algum peixe ou um camarão de água doce. As paredes avermelhadas do canion são realmente maravilhosas e fazem um contraste impressionante com a água azulada, um convite para escaladas em móvel, ou em psicobloc, uma modalidade que, segundo Samuel, foi inaugurada por Felipe Dallorto que passou por lá em 2010. Tui se empolga com o riozão e faz a travessia até a outra margem, chegando até o Estado da Bahia, onde sobe suas primeiras pedras baianas.

Depois de uma noite de sono finalmente boa, em Delmiro Gouveia, fazemos mais um trecho de estrada até a cidade de Piranhas, também na beira do rio. O centro histórico desta pequena cidade está empilhado na própria barranca do rio, com ladeiras e escadarias pra todos os lados. Há poucos anos atrás o casario antigo da cidade foi todo recuperado e algumas construções mais importantes foram restauradas, então o conjunto arquitetônico surpreende pelas cores e pela beleza.

Depois de rodar pela parte histórica da cidade, fugimos do som alto e da onipresente muvuca e achamos um canto tranquilo para um demorado banho no Velho Chico, entre as pedras, sem risco de sermos atropelados por alguma lancha desavisada. Do outro lado a secura da caatinga seguia pelo Estado de Sergipe, por onde andou Lampião e sua turma. Piranhas foi palco de alguns combates sangrentos entre moradores locais e parte do bando de Lampião, que rodou por vários estados do Nordeste. Após os cangaceiros serem mortos, acabaram tendo suas cabeças expostas na escadaria da igreja local. Depois disto surgiu toda uma discussão sociológica inconclusa sobre o papel dos cangaceiros, ou seja, se eles foram heróis (uma espécie de versão sertaneja do Robin Hood) ou apenas bandidos. Hoje, de qualquer forma, as estórias do cangaço servem principalmente para movimentar o turismo local e vender bugangas aos turistas.

Passando ao largo desta discussão, nos despedimos do Velho Chico e fomos comer uma deliciosa tilápia em um mirante no topo da cidade, antes de encarmos a viagem de volta, certos de que valerá a pena voltar novamente.

Um Estado que possui uma geografia e geologia altamente propícia para a prática da Escalada em Rocha, que resulta em destino certo e de grandes potencialidades para a atividade, pois agrega muitas possibilidades para a escalada Esportiva, Tradicional, Big Wall e Boulder.

Com o objetivo de apresentar aos escaladores um olhar minucioso das escaladas existentes, está sendo confeccionado o “Guia de Escaladas do Espírito Santo”. Um livro impresso, que reunirá informações técnicas sobre as montanhas e vias, e fará um apanhado da história e desenvolvimento da atividade no Estado. Isso irá refletir na catalogação de montanhas/setores que estão distribuídos por mais de 35 municípios, e que somam centenas de vias. Um projeto de grandes proporções de conteúdo, abrangência, e consequentemente de divulgação da escalada capixaba para o Brasil e para o mundo.

A escalada surgiu no estado na década de 40, sendo o pontapé dado com a conquista do Pico do Itabira em 1947. A partir desta, outras imponentes montanhas foram sendo conquistadas, tornando-se marcantes as escaladas realizadas até a década de 70, cujas vias foram resultados de muito “empreendedorismo” e comprometimento por parte de seus – grandes - conquistadores.

Escaladas essas que se tornaram históricas no cenário nacional, e que são clássicas, como as do Cinco Pontões em Itaguaçu/Laranja da Terra, Pedra da Agulha em Pancas, Três Pontões de Afonso Claudio, Pedra do Lagarto em Pedra Azul, Pedra do Fio em Castelo, dentre outras. Estas montanhas abrigam vias de grande imponência, sendo consideradas de grande desafio, até hoje.

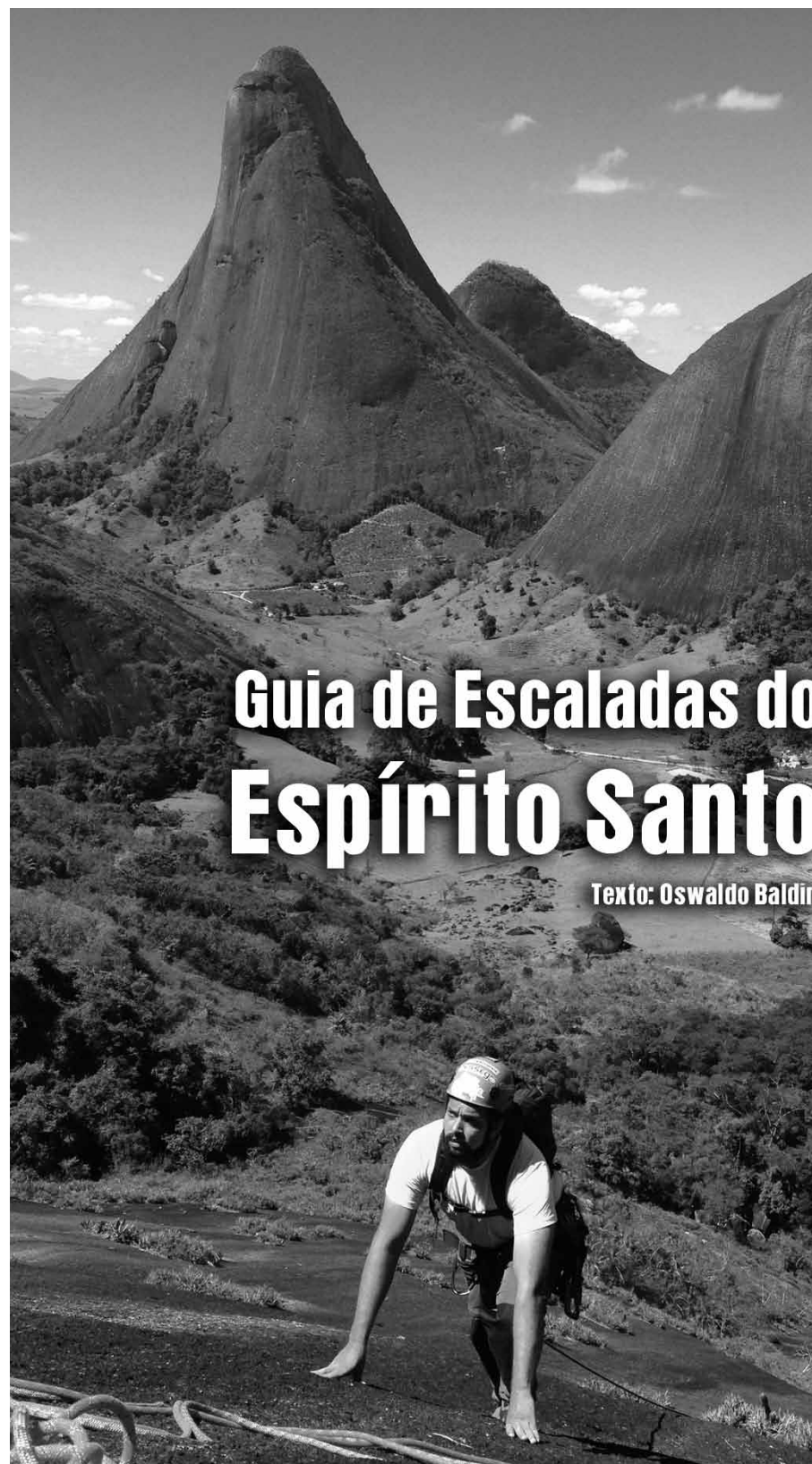
Devido a infinidade das grandes paredes que estão espalhadas por vários cantos do Estado, são muitas as possibilidades de vias tradicionais, que se estendem com até 800 metros. Destacam-se como polos de vias longas, a região do Monumento Natural dos Pontões Capixabas, compreendido entre os municípios de Pancas e Águia Branca, e localizado ao noroeste,

e que tem repercutido como um dos principais destinos de escaladores de outros Estados; e o Complexo do Itabira em Cachoeiro de Itapemirim ao sul, local que teve grande importância para o desenvolvimento deste estilo para os capixabas. Estas citações são de locais que aglomeram vias bem próximas umas das outras. Porém a vastidão de escaladas tradicionais é enorme, em muitas montanhas espalhadas por vários municípios.

O cenário da Escalada Esportiva é consolidado com setores como: o Morro do Moreno dentro da cidade de Vila Velha, que é o mais antigo campo escola; o Complexo de Vianna, que colaborou para alavancar essa modalidade; o Calogi em Fundão, que foi um marco evolutivo na escalada capixaba; e a Falésia de Apeninos em Castelo, que reúne uma gama de possibilidades, sendo outro ótimo campo escola. Cada um destes locais reúnem mais de 40 vias, dos mais variados graus. E seguindo a mesma linha do que foi citado no parágrafo acima, estes locais se destacam por reunirem vias agrupadas, porém, são vários outros setores, por vários outros municípios que somam com vias esportivas.

O Espírito Santo reúne setores para a prática de Boulder como a Praia dos Padres em Meaípe/Guarapari, Mestre Álvaro em Serra, e Biraboulder em Ibirapuçu. E ainda vias de Big Wall, localizadas em montanhas como o Pico do Itabira em Cachoeiro de Itapemirim, Pedra do Garrafão em Ecoporanga, Pedra do Vilante em Serra, Pedra Cará em Pancas, dentre outras. Portanto, um prato cheio e convidativo para o deguste – com ética e bom senso – das mais variadas formas de se escalar em rocha.

Através de um só conteúdo o escalador terá reunido, impresso e em mãos, um levantamento histórico, o desenvolvimento, e a amplitude de possibilidades de estilos e vias que



Guia de Escaladas do Espírito Santo

Texto: Oswaldo Baldin

poderá usufruir de norte a sul. Este é o objetivo do “Guia de Escaladas do Espírito Santo”, que está previsto para ser lançado em Dezembro de 2015. O autor é o capixaba Oswaldo Baldin, que já vem se dedicando há alguns anos na confecção deste – grande e árduo - livro. Baldin tem 19 anos dedicados à Escalada, tendo conquistado diversas vias nos mais variados estilos. Atua profissionalmente como Guia e Instrutor na Planeta Vertical, e produz vídeos de montanha. Este Guia já conta

com algumas empresas parceiras que acreditaram na importância deste projeto. São patrocinadores, a Deuter e a Alto Estilo. E apoiadores, a Alpen Pass, Armazém Aventura, Bonier, Conquista Montanhismo e Ultra Safe. Demais empresas/marcas que queiram também ser parceiros neste projeto entrem em contato com o autor (baldin@planeta-vertical.com.br). E se você tem alguma informação que seja relevante para ajudar a somar no conteúdo, sua colaboração é bem-vinda.



CASA DE PEDRA

Loja e Ginásio

Agora em um único endereço !

Rua Venâncio Aires, 31 - Água Branca, São Paulo, SP

Tel.: 11 98198-8267

www.casadepedra.com.br

www.escaladaindoor.com.br

Atravessando o centro-oeste - parte III

A Serra Dourada

É comum o progresso se afastar das regiões de nosso passado histórico, movendo-se para lugares mais dinâmicos – e deixando cidades e naturezas muitas vezes preservadas pelo abandono. Este é, até certo ponto, o caso de Goiás Velho, que mesmo tendo sido capital permaneceu uma vila pequena, e da Serra Dourada, que foi protegida pela aspereza do cerrado e pelo parque criado à sua volta.

ALBERTO ORTENBLAD | SP

Goiás Velho

Depois que o ouro de Minas e de Cuiabá foi descoberto, a ideia renascentista - de que os filões minerais se dispunham em linhas paralelas ao equador - criou a suspeita de que, entre esses dois pontos, também haveria riquezas. Como resultado, os bandeirantes decidiram organizar investidas ao território ao norte de Minas e ao sul do Mato Grosso, onde hoje é Goiás. Delas resultaram a descoberta e a tomada das minas de ouro dos índios goiases, que foram extintos dali mais rapidamente do que o próprio metal.

Goiás Velho deve sua origem a esta busca do ouro, que levou Bartolomeu Bueno (o Anhanguera) a fundá-la. A cruz do seu assentamento está bem no centro da cidade, no local onde o bandeirante teria naufragado, ao descer o Rio Vermelho. Ele havia chegado ao Araguaia e ficara curioso pela cor avermelhada da foz do rio, que decidiu então navegar. Todo ano por dois dias o governo do Estado de Goiás é instalado lá - a cidade volta a ser, simbolicamente, a capital, como antes foi por dois séculos. Conheci esta vila muito tempo atrás, quando minha profissão, minha esposa e minha vida eram outras. Goiás era uma vila acanhada, que havia sido esquecida no tempo, pouco participando do progresso do Estado.

Ela foi quem sabe salva pela terrível inundação do Rio Vermelho, no último dia de 2001. Além de muitas casas, o rio destruiu a igreja que ficava onde hoje está a Cruz do Anhanguera – de uma inundação anterior, diziam que seu sino era tão grande que por horas a população ouviu suas badaladas, até desaparecer no rio. A catástrofe levou à reconstrução da cidade e dizem que a um novo orgulho e união entre seus moradores.

O Parque Estadual

A Serra Dourada fica próxima a Goiás Velho, havendo um parque natural no seu entorno. Suas escarpas em arenito costumam refletir à tarde a luz do sol, com uma coloração alaranjada lembrando o ouro que deu origem à cidade e nome à serra. O Parque tem hoje cerca de 27 mil ha, seu decreto de criação datando de 2003. Você encontrará diferentes referências a seu tamanho, descrevendo-o como ora maior, ora menor – é possível que ninguém saiba ao certo.

De fato, o Parque parece já ter sido maior e seus limites estão atualmente em discussão. A razão é que suas encostas são disputadas pelos fazendeiros, cujas propriedades avançam às vezes para cima, em direção à crista da serra. Envolvido por uma APA com cerca 35 mil ha, tem talvez

80 a 100 km tombados.

Os contrafortes da serra abraçam a antiga capital, e é exatamente neste trecho que o Parque se mostra mais largo, veja no mapa. Fora disso, ele é praticamente um retângulo estreito que corre no sentido leste-oeste, com cerca de 45 km de comprimento e 7 km de largura média. A localização de Goiás Velho é muito bonita, envolvida de um lado pela Serra Dourada e, de outro, pelo Morro do Cantagalo (ver adiante).

Você provavelmente já sabe que infelizmente nossos parques costumam apenas existir no papel – e este não é uma exceção. O PESD não dispõe de guarda-parque, de portaria, informação, sinalização ou quase nenhum tipo de estrutura física. Felizmente não é fechado à visitação, pois a Serra sequer é cercada. O Parque foi criado para proteger as nascentes que nele se originam e preservar a vegetação de cerrado que o recobre.

O principal curso é o Rio Vermelho, que atravessa ainda jovem a antiga capital – de fato, ele não impressiona de quem o vê da vila. Mas ele é bem longo, pois só termina no Araguaia, 180 km depois. A Serra Dourada é um divisor entre as bacias do Paranaíba ao sul e do Tocantins-Araguaia ao norte e oeste. Portanto, participa das grandes bacias do Paraná e do Amazonas. Dela me disse o guia local José Garcia: o mar foi recolhendo para o sul, e a serra é a borra que se formou com a areia que ficou do mar.

A Natureza do Cerrado

Pode parecer estranha a necessidade de preservar a vegetação do cerrado, afinal é o bioma mais comum do Brasil. Entretanto, o avanço da agropecuária goiana torna esta situação cada vez mais precária. Em Goiás, 60% do cerrado já foi retirado e 30% foi de alguma forma modificado – ou seja, agora só restaram 10% originais. Na Mata Atlântica, nos últimos dez anos foram em média desmatados 50 mil ha/ano – imagine então no cerrado, que é mais distante e menos vigiado.

A vegetação da serra mostra uma interessante variação, desde as matas de galeria da sua base e o cerrado denso de suas encostas, até os campos rupestres dos altos do platô. Talvez a árvore mais rara seja o papiro, cujos galhos apresentam escamas brancas semelhantes a lâminas de papel. Ao percorrer a serra, você encontrará pequis e lobeiras, sicupiras e barbatimões, ipês de variadas cores e palmeiras.

E, até mesmo, as aroeiras, os angicos e os jatobás que nos são familiares da Mata Atlântica existem nas partes mais baixas e úmidas da serra. Nas altas, você verá

os arbustos de canelas de ema junto com pirilampos e arnicas. As gramíneas mais comuns são o capim de brejo, o capim seta e o barba de bode, que no verão colorem os campos de verde. O aspecto árido e retorcido do cerrado oculta uma enorme riqueza vegetal, seja de uso alimentício ou medicinal.

Gostaria de fazer aqui um comentário acerca da convivência da fauna com a vegetação do cerrado. Nas formações da Floresta Amazônica e da Mata Atlântica a que estamos mais acostumados, a estratificação vertical existente na flora em geral bastante alta costuma acolher diferentes espécies numa mesma árvore. Este não é o caso das formações baixas e desfolhadas do cerrado: é a diversidade espacial no sentido horizontal entre mata, campo e brejo que permite a ocorrência de uma fauna variada. Os principais animais são o lobo guará, o macaco guariba, o tamanduá bandeira, a jaguatirica e o tatu canastra – além das emas, jacutingas, araras e socós.

A Serra Dourada

A Serra Dourada ganha altitude de leste para oeste, porém de forma bastante suave, quase imperceptível. Seu ponto culminante fica a oeste, em Buriti de Goiás, com 1.360m. Chegar até lá é um exercício complicado, devido ao acesso difícil, mas é possível a ida e volta no mesmo dia. A altitude da crista da serra oscila normalmente entre 1.000-1.100m (como na Estação Biológica) a 800-900m nos passos (como no da Fazenda Quinta). Estes locais serão referidos logo a seguir. A vegetação, como já comentado, é variada, desde as matas de encosta com sombra e água, até as rampas pedregosas escassamente florestadas. Elas chegam lá embaixo aos vales, recobertos de capim com poucas árvores e com belas veredas de buritis. Seja a rocha do arenito, seja a vegetação do cerrado, apresentam um característico aspecto rude e áspero.

Nos vales no espelho (ou encosta) norte da serra encontrei discretos córregos que formavam deliciosos poços rústicos de águas frescas e limpas. Você vai achar este um ambiente muito interessante, com uma natureza intensa e agreste, não muito fácil de ser atravessado, devido ao calor úmido e às trilhas irregulares. Não deixe de visitar, já fora da serra, o Morro do Cantagalo, um local de muitas lendas dos tempos do ouro. Seu sugestivo desenho abaulado é perfeitamente visível da cidade, cujas ruas foram calçadas com suas pedras. O acesso é a partir de uma igrejainha elevada, num trajeto íngreme de 5 km ida e volta.

Existe uma outra elevação próxima: é o Morro da Antena, que você enxerga da cidade. Você pode subir a pé ou de carro - escolha o período da tarde para desfrutar ao pôr do sol da bela vista do Cantagalo, bem como da malha urbana de Goiás e do mosaico das colinas distantes. É sempre bacana voltar de uma montanha ao entardecer.

As Travessias da Serra

As duas faces da Serra Dourada são bem diferentes, pois no sul, desde Massamedes a Buriti, ela se apresenta como uma encosta verdejante. Ao contrário, ao longo do lado norte de Goiás Velho, ela exhibe longas escarpas em arenito que lhe dão um aspecto mais bonito e variado – é esta face que chamo de espelho da serra. Evidentemente, seu topo não é plano, ocorrendo depressões por onde é possível atravessá-la, como você verá a seguir. Aliás, a rodovia que a contorna acaba cruzando-a numa baixada.

São seis os locais de passagem, sendo o mais praticado o da Fazenda Quinta, um percurso de 9 km que chega lá embaixo ao Balneário Santo Antônio. Acredito que o passo mais baixo seja o de Mirandópolis na face sul, porém o vale do outro lado é de difícil passagem, úmido e florestado. A extensão da trilha é semelhante à anterior, com uma subida relativamente rápida pelo lado sul e uma longa caminhada pelo norte.

Mas talvez a travessia mais interessante seja a do Urubu Rei, uma corcova rochosa muito bonita, que fica mais longe a oeste, no rumo de Buriti de Goiás, e cujo acesso é pela Fazenda Baía Macedo. Sua extensão é um pouco maior do que as anteriores, talvez passando de 10 km. Como você sabe, a serra é mais elevada nos terrenos a oeste.

Normalmente, é preferível atravessar a serra de sul para norte, e por duas razões: as aproximações são mais curtas e também mais altas e, portanto, mais convenientes. Entretanto, as saídas do vale do lado norte – no caso, para Goiás Velho - são mais distantes.

A Estação Biológica

O mais conhecido local na Serra Dourada é a Estação Biológica, uma área minúscula operada há muito tempo pela UFG, onde existe uma portaria interna, que é a única estrutura do Parque. A cerca de 40 km de Goiás Velho, tem fácil acesso por carro, sendo esta felizmente a única estrada que sobe a Serra. Caminhadas curtas levam a um mirante (a 1.080m), com uma vista panorâmica das colinas ao redor, e a um surpreendente vale de areia, em que a brancura desta é realçada pelas paredes

castanhas do arenito. Você caminhará por talvez 7 km ida e volta.

É nesta região que fica o labirinto da Cidade de Pedra, com formações rochosas isoladas, de sugestivos perfis esculpidos pelo tempo, como costuma acontecer com o arenito. Existe em Pirenópolis – uma bela cidade histórica goiana não tão distante - outra Cidade de Pedra, com formações parecidas, embora aparentemente mais rústicas. Elas me parecem ocupar uma área maior – a daqui deve ter menos de 500 ha.

É também aqui que você encontrará a Pedra Goiana, uma rocha aliás pouco impressionante. Ela se equilibrava numa base estreita e balançava sob a força do vento, até ser derrubada por vândalos meio século atrás. Esta pedra, por sinal, é o símbolo do Estado de Goiás. Imaginem se não fosse, teria sido por eles pulverizada.

Não é fácil atravessar os trechos rupestres da Serra Dourada, pois o relevo é acidentado, as trilhas são irregulares, nem sempre as pedras são definidas ou as orientações são fáceis – e tudo isso embaixo de um calor forte e úmido. Travessias mais longas, da ordem de 25 ou 30 km, costumam requerer dois dias – você vai se surpreender, caminhando às vezes a meros 3 km/h.

Talvez depois de um percurso árduo, em especial sob o tremendo clima goiano, você queira experimentar as águas da região. Não há que eu saiba quedas maravilhosas, mas você pode pelo menos conhecer a Cachoeira das Andorinhas ou o Córrego de Santo Antônio. Depois, se entregue à farta culinária local e conheça os sabores amargo da guariroba e doce do pequi.

A Serra de Caldas

A cerca de 300 km a sudeste de Goiás Velho existe uma serra muito interes-san-

te. Ela fica perto de dois conhecidos pontos turístico: Caldas Novas e Rio Quente. Lá concorridos parques temáticos com banhos hidrotermais procuram imitar a natureza por eles substituída. Fiquei pensando como é curioso desfigurarmos a natureza para depois tentarmos recriá-la.

A serra é protegida por um parque natural, criado em 1970 com 12 mil ha – trata-se do PESCAN, que significa Parque Estadual da Serra de Caldas Novas. Na realidade, apenas trinta anos depois foi aberto à visitação. O Parque está encaixado exatamente entre as vilas de Rio Quente a oeste e Caldas Novas a leste, como um tabuleiro de orientação norte-sul. Sua área inclui não só o platô central, mas também as fraldas da serra, até chegar ao nível dos planaltos urbanos.

Esta Serra é surpreendente, pois constitui um chapadão completamente plano com um perfeito desenho oval, circundado e fechado por escarpas em todo o seu perímetro de talvez 30 km. No seu interior não há nenhum curso d’água, apenas um cerrado áspero, forte e retorcido na altitude de mil metros (o ponto culminante fica a 1.043m). Você pode visitar duas pequenas quedas, numa caminhada total de menos de 4 km, que começa logo após a portaria.

É exatamente essa superfície que tem capturado há milênios as águas das chuvas, permitindo que se infiltrem a grandes profundidades pelas fraturas do quartzito existente - até que sejam aquecidas pela energia geotérmica e mineralizadas pela diluição das rochas, retornando à superfície como as nascentes quentes que fazem a delícia dos visitantes.

Nunca o Mesmo

Gostaria de fazer um comentário final, que só me ocorreu após retornar, dias depois. Refere-se à diversidade aparentemente monótona do cerrado. Lembrei-me de duas

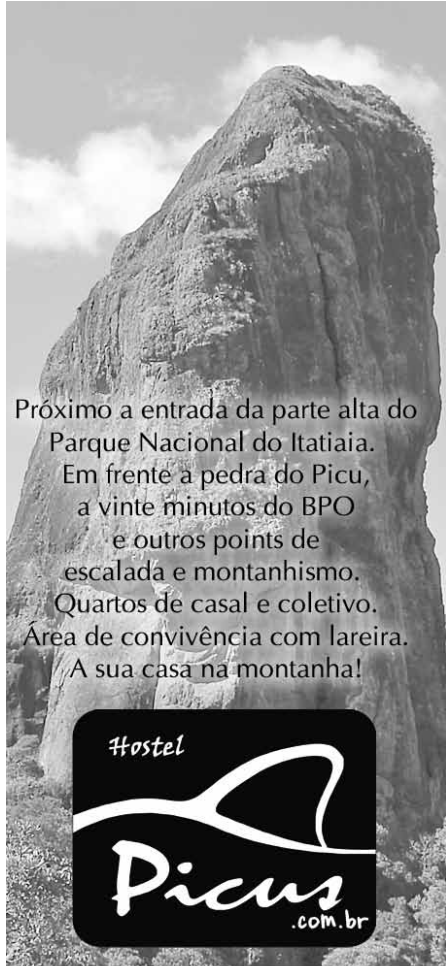
ocasiões em que tive esta mesma impressão.

A primeira aconteceu ao atravessar a Floresta Amazônica, no rumo do Pico da Neblina. Ela me pareceu inicialmente homogênea - até que comecei a perceber a diferenciação por um lado entre a mata rala e alagada dos igapós e as densas formações das várzeas somente inundadas nas cheias e, por outro, a impressionante floresta vertical de terra firme, a mata montana de árvores menores decoradas por líquens e bromélias e, finalmente, as formações arbustivas de altitude, estranhamente povoadas por palmeças.

De novo, a sensação de monotonia me ocorreu no deserto verde do Jalapão. Mas, com o tempo, notei a diferença entre o cerrado mais alto, úmido e verde do seu centro, as formações mais secas e fechadas do início e os cerrados de campo limpo entre ambos, em que os arbustos eram na realidade árvores anãs. E vi as cativantes veredas, formadas por várzeas repletas de buritis, um panorama verdejante que contrastava com a sofrida vegetação ao redor, num mosaico de fatura intercalado com a palha dos campos secos.


Agora, percebo como eram distintos os cerrados das Serras Dourada e de Caldas. Este último, confinado num tabuleiro alto e seco, era composto por árvores pequenas, de poucas folhas, esparsamente dispostas num campo pálido, com limitado contraste de cores e pouca presença de flores. O primeiro tinha árvores mais fortes e expressivas, muitos arbustos floridos e gramíneas verdejantes, ao longo dos campos ondulados, pedregosos e úmidos, com a formação de esplêndidas veredas de altas palmeiras.

Aprendi que o cerrado nunca é o mesmo. Alberto Ortenblad, São Paulo ortenblad@terra.com.br



Próximo a entrada da parte alta do Parque Nacional do Itatiaia. Em frente a pedra do Picu, a vinte minutos do BPO e outros points de escalada e montanhismo. Quartos de casal e coletivo. Área de convivência com lareira. A sua casa na montanha!

#hostel



Picus.com.br

Abrigo de Montanha
(35) 9119.9153
 Itamonte - MG

RESSOLE SUA SAPATILHA NA



*** SOS sapatilha**

- 15 anos de experiência no mercado
- Grade de formas novas, desenvolvidas especialmente para sapatilhas
- O menor prazo de entrega do mercado
- Ressolamos com XS Grip Vibram 
- Pronta para sua cadena

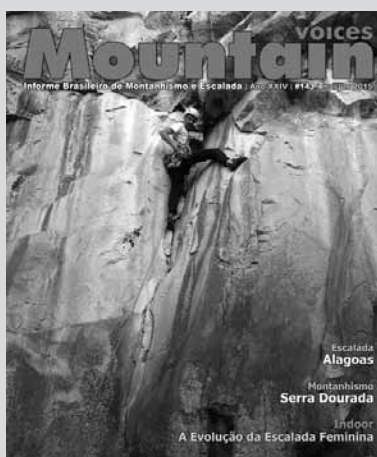
ACEITAMOS SERVIÇOS DO BRASIL E EXTERIOR

Mais informações www.bele.com.br ou ligue para 11 82446672

www.mountaininvoices.com.br

Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes. Editor: Eliseu Frechou Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000. E-mail: contato@montanhismos.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: Edson Struminski, escalando na Serra da Camonga em Alagoas. Imagem: Samuel Andrade

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/06/2015.

Nome.....
Endereço.....
Cidade..... Estado.....
CEP..... Telefone.(.....).
E-mail.....
Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....
Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
() Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder

- () Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00
() Renovação assinatura - R\$ 20,00
() Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
() Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
() Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 20,00
() Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 20,00
() Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 20,00

143

Total00

Vídeos de Escalada Mountain Voices

Digitalizados no formato DVD. Tiragem limitada para colecionadores. Compre nas lojas de montanha ou pelo site www.mountainvoices.com.br

LANÇAMENTO!



KARMA



TERRA DE GIGANTES



LOBOTOMIA 2
Baú e Região



LOBOTOMIA 3
De PE ao RS



DIAS DE TEMPESTADE
mp4 e wmv

Manuais de Escalada e Montanhismo

**Pedra do Baú
Itatiaia
Serra do Cipó**

- + Rotas selecionadas
- + Acessos
- + Dificuldades
- + Croquis detalhados
- + Fotos ilustrativas
- + Sugestão de equipamentos
- + Formato de bolso



E você, resiste? Equinox, produtos irresistíveis!



www.equinox.com.br

EQUINOX

Desde 1989 preparando montanhistas para grandes desafios.

MONTANHISMUS
Escola de Escalada
Telefax: (12) 3971.1470
São Bento do Sapucaí - SP
www.montanhismus.com.br

LANÇAMENTO

ANORAQUE ALPINOXT
PROTEÇÃO TOTAL CONTRA A CHUVA.

CONQUISTAMONTANHISMO.COM.BR
FB.COM/CONQUISTAMONTANHISMO1990
INSTAGRAM.COM/CONQUISTAMONTANHISMO

CONQUISTA

DRY SHIELD



ELEITA PELO GUIA DE EQUIPAMENTOS GO OUTSIDE A MELHOR BOTA TREKKING NA CATEGORIA CUSTO BENEFÍCIO

PRODUZIDA SEM MATERIAIS DE ORIGEM ANIMAL.

CONFORTÁVEL, 100% IMPERMEÁVEL, MALLEÁVEL E SEGURA.

NOVA TECNOLOGIA, DESENVOLVIDA EXCLUSIVAMENTE PARA O MELHOR DESEMPENHO NOS MAIORES DESAFIOS.



FOTOS APENAMENTE ILUSTRATIVAS

CONCORRA A UMA

BIKE SNAKE



BASTA CADASTRAR O CÓDIGO QUE ESTÁ JUNTO COM SUA DRY SHIELD NO SITE SNAKE.COM.BR E PARTICIPAR